

CLAUDIA entrevista Romero Britto



Um artista para todos



O mais internacional artista plástico brasileiro de todos os tempos revela os segredos de sua popularidade nos quatro cantos do planeta e fala sobre sua vida em família nos Estados Unidos, ao lado da mulher e do filho, apaixonado por Carnaval – e razão para que Romero Britto esteja no Brasil este mês

Ana Claudia Duarte

Aos 8 anos, um garoto pernambucano chamava a atenção na escola onde estudava, em Recife. Além de decorar cadernos com desenhos coloridíssimos, passava horas no quintal de sua casa criando. Sucata, papelão e jornal serviam de suporte para suas pinturas. E ele adorava ganhar de presente livros de arte. “Eu ficava ali sentado e copiava mestres da pintura por dias e dias”, lembra Romero Britto, consagrado aos 45 anos, há 20 morando em Miami, nos Estados Unidos.

Romero Britto

O mais bem-sucedido artista plástico brasileiro fez sua primeira exposição pública aos 14 anos. De cara, conseguiu uma façanha: vender seu primeiro quadro para a Organização dos Estados Americanos. Estudioso, recebeu bolsa para uma escola preparatória e, aos 17 anos, foi fazer direito, curso que abandonou logo depois para mudar-se para Miami. Foi atendente de lanchonete e ajudante de jardineiro; no tempo livre, exibia suas obras nas calçadas de Coconut Grove, na Flórida. A parceria com uma loja de móveis artísticos abriu caminho para o sucesso. Em 1988, assinou seu primeiro grande contrato de trabalho: a vodca sueca Absolut escolheu o até então relativamente desconhecido brasileiro e outros quatro artistas pop conceituados, entre eles o americano Andy Warhol, para criar a nova campanha publicitária do produto. Os anúncios foram veiculados em mais de 60 publicações americanas. E Romero apareceu. Seus quadros foram comprados por Arnold Schwarzenegger – o maior colecionador de seu trabalho –, Madonna e a rainha Silvia, da Suécia. Em 2001, inaugurou em São Paulo a Galeria Romero Britto, que abriga telas e esculturas, além de objetos de arte colecionáveis, como camisetas e relógios, vendidos a preços acessí-

veis. “Quero chegar a todo mundo”, diz Romero, que este mês está no Brasil para curtir o Carnaval com a família – a mulher, a americana Cheryl Ann, com quem se casou há 20 anos, e o filho, Brendan, 19.

CLAUDIA Você ficou conhecido por seus fãs – gente como a cantora Madonna e o atual governador da Califórnia, o ator Arnold Schwarzenegger. É amigo de seus clientes famosos? **ROMERO BRITTO** Fico feliz quando entro na casa deles e vejo minha obra lá, na parede. O Arnold tem 18 trabalhos meus. Todas as vezes que vou a Los Angeles, a gente se encontra. Madonna é cliente antiga. Posso citar outros nomes, como o cirurgião plástico Ivo Pitanguy, o cantor Elton John, os ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso e Bill Clinton, dos Estados Unidos, o presidente Lula, a rainha Silvia, da Suécia, o ex-tenista americano André Agassi, a atriz americana Bette Midler... Mas não faz diferença se a pessoa é conhecida ou não. Fico contente com qualquer um que mostre interesse pelo meu trabalho.

CLAUDIA De onde vem sua inspiração? **ROMERO BRITTO** Das coisas simples. Transformo tudo em pura alegria, cor, sentimento. Acho que é por isso que agrado a tanta gente diferente. Mas aprendi muito com os livros e sou apaixonado por artistas como Pablo Picasso (*espanhol*), Matisse (*francês*) e Andy Warhol (*americano*).

CLAUDIA Essa atração pela simplicidade tem a ver com sua infância humilde? **ROMERO BRITTO** Pode ser. Minha família era muito pobre. Éramos nove irmãos e não tínhamos dinheiro para nada. Criar era um refúgio: eu pintava um mundo colorido, diferente do meu. Hoje somos oito, um morreu no ano passado, com diabetes. Como minha vida profissional deu muito certo, procuro ajudar a família. Trabalham comigo três irmãos, duas irmãs, um cunhado e duas sobrinhas, além da minha mãe. Na verdade, ela mais viaja do que trabalha (*risos*)! Se a vida deles melhorou por minha causa? Imagino que sim. Isso me dá uma enorme alegria.

CLAUDIA Tanta dificuldade fez com que você tivesse um olhar diferente para o mundo? **ROMERO BRITTO** Me preocupo com pessoas que enfrentam dificuldades. Duas vezes por semana abro minha galeria, em São Paulo, para a visita de ONGs e de escolas do governo. O objetivo é aproximar as crianças carentes da cultura.

CLAUDIA Como é um dia típico na sua vida? **ROMERO BRITTO** Acordo cedo, faço exercícios, tomo café-da-manhã,

Fotos: abertura, David Siqueiros; as demais, arquivo pessoal



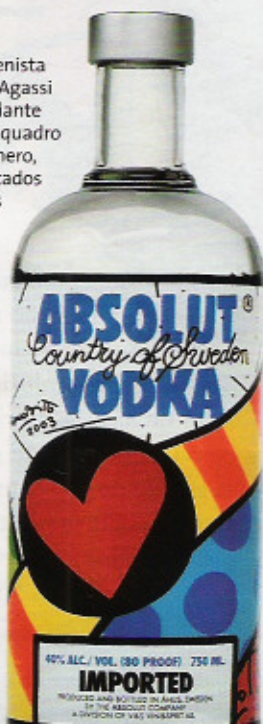
Com Arnold Schwarzenegger e a mulher dele, Maria: 18 quadros na casa do governador da Califórnia



O ex-tenista André Agassi posa diante de um quadro de Romero, nos Estados Unidos



Com Bill Clinton, um dos compradores famosos de seus quadros



No rótulo da garrafa de vodca, o primeiro grande contrato de trabalho

vou ao estúdio, almoço, tenho reunião, janto, pinto... Ufa! Quando viajo, acordo um pouco mais tarde e, no fim de semana, passo mais tempo com a família e... pinto (*risos*)! Também gosto muito de comer bem, por isso tenho que controlar meu peso. Estava pesando 92 quilos e nos últimos meses perdi 9.

CLAUDIA Como é sua vida familiar? **ROMERO BRITTO** Minha mulher é maravilhosa. Ela adora escrever poesias e me ajuda sempre que preciso. Meu filho, Brendan, estuda cinema na Flórida e fala inglês, espanhol e português. Ele é apaixonado pelo Brasil. Toda vez que viaja para o nosso país, curte muito. Brendan adora o Carnaval. Tenho muito orgulho da minha família. Desde pequeno aprendi com meus pais que essa é a base de tudo.

CLAUDIA Você vem bastante ao Brasil? **ROMERO BRITTO** Depende muito da minha agenda. Em média, vou duas vezes por ano, mas já ocorreu de eu ir oito vezes em um ano só. Sinto falta da comida, do carinho das pessoas, do clima agradável, das belezas naturais...

CLAUDIA Para se projetar internacionalmente, o artista plástico brasileiro tem que construir carreira no exterior?

ROMERO BRITTO Hoje, não necessariamente. O Brasil caminha para uma riqueza cultural maior, aparecendo para o mundo. Por outro lado, ainda não temos tanta tradição em artes plásticas. A elite brasileira não investe em arte como deveria. Em outros países, esse é um investimento muito mais comum. Os apaixonados apreciam suas aquisições e ainda podem ter uma boa surpresa com a valorização da obra. O mercado da arte vai melhor em países com tradição no assunto. Quando deixei o Brasil, no fim dos anos 1980, tinha sede de saber o que acontecia lá fora. Antes de começar a mostrar minha arte nos Estados Unidos, ralei muito.

CLAUDIA As pessoas estão acostumadas a ver seu trabalho em caixas de panetone, camisetas, xícaras de café, carros, porta-CDs... Por que essa diversidade?

ROMERO BRITTO Uma obra de arte que usa como suporte a embalagem de um produto tem enorme poder de alcance. Quero que minha arte seja democrática. Meu sucesso deve estar disponível a milhões. Sei que a elite pode comprar uma tela minha, mas me sinto realizado ao perceber a alegria de uma pessoa ao adquirir um produto com a minha marca.

CLAUDIA Como você reage a uma crítica negativa? **ROMERO BRITTO** Acordo e vou fazer minha arte. Quando estou

pintando, me sinto bem. Quero entreter as pessoas, provocar um sorriso aqui, outro ali. Sei que minhas pinturas trazem alegria e são fáceis de entender, é isso que importa. É triste quando você olha para um quadro que não lhe diz nada. Quem me critica acha que a arte deve ser direcionada apenas para a elite.

CLAUDIA Quais as suas obras que considera mais importantes? **ROMERO BRITTO** Tudo o que faço é importante, mas tenho dado muito valor às grandes esculturas públicas, que podem ser vistas por milhares de pessoas. Entre as mais recentes estão uma bola de 1,80 metro de diâmetro no Terminal Rodoviário Tietê, em São Paulo, e uma pirâmide de 15 metros de altura, instalada no Hyde Park, em Londres. Tenho obras em shopping centers, hotéis, estádios... Em 1999, criei seis selos sobre educação para a ONU (*Organização das Nações Unidas*). Criei selos também para as Olimpíadas de Pequim. Toda essa diversidade me encanta!

CLAUDIA Você imaginava que chegaria tão longe? **ROMERO BRITTO** Não. Sempre criei sem pensar aonde ia chegar. Ainda me emociono quando meu trabalho faz sucesso. É um estímulo para continuar. E tudo o que conquistei está diretamente ligado ao prazer de pintar.

CLAUDIA Como vê seu futuro? **ROMERO BRITTO** Não penso muito nisso. No momento, estou feliz. Pinto, me emociono... Sou muito otimista. Acho que vou ter um futuro brilhante, mas, para tanto, tenho consciência de que preciso trabalhar bastante ainda. E quero que o mundo fique melhor, que as pessoas sofram menos. ◊



As cores na moto e pintando em seu estúdio: "Quero que minha arte seja democrática"



Com o filho, Brendan, em Washington

